



# "Chegar até Ubatuba era uma aventura"

Agrônomo aposentado pela Esalq e ex-presidente do Lar dos Velhinhos, Célio Soares Moreira é o entrevistado de João Umberto Nassif

O professor doutor Célio Soares Moreira nasceu em Jaú no dia 1º de março de 1930. É filho de Sílvio Moreira e Mônica, que tiveram os filhos: Iná, Célio, Sonia, Raul e Fábio.

## Qual era a atividade principal do pai do senhor?

A sua atividade principal iniciou-se por volta de 1932, em Cordeirópolis. Ele era agrônomo, formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz em 1923. Naquele tempo a turma com a qual ele se formou era composta por cerca de 10 formandos. A Salitreira comercializava salitre do Chile. É uma empresa grande, que existe até hoje. Meu pai foi contratado pela Salitreira para trabalhar em Jaú. Naquela época Jaú tinha uma posição de muito destaque.

visão de Estações Experimentais do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC).

## O curso primário, o senhor estudou em qual escola?

Minha irmã e eu íamos de automóvel até à Escola São José, em Limeira, era colégio de freiras. Lá estudei até o terceiro ano primário. Por volta de 1940, mudamos para Campinas, papai foi transferido como chefe.

## Foi um choque para o senhor sair de Cordeirópolis e ir morar em Campinas?

Campinas era uma cidade muito rica, que por determinada época chegou a rivalizar com São Paulo. Era uma cidade muito orgulhosa. Campinas ainda era terra roxa. Teve o período da era dos

Tive professores marcantes, inclusive o de inglês, que era de uma exigência muito rigorosa. Ele tinha sua cartilha. Era o Professor Coriolano. Tinha que estudar aquela cartilha, quando chegasse ao meio do ano ele só falava em inglês. Quem não estivesse a altura de conversar, ele não perguntava, mas também não molestava. Ele repetia a última nota que o aluno tinha obtido, e geralmente era baixa. Vi-me nessa situação. Conversei com os meus pais e passei a ter aulas de inglês com uma professora particular. Fiz meio semestre de inglês com ela. Um dia do mês de junho ele perguntou se alguém queria ir à lousa. Ofereci-me e fui. Fez algumas perguntas, pedi que eu respondesse terminada a arguição mandou-me sentar. Começou a me por na conversa, a conversa dele era mandar que ouvíssemos a BBC em inglês, determinava o horário, à noite e o programa que deveríamos ouvir. Na aula ele se referia ao programa. Deu uma prova escrita, fui muito bem. Estranhando o meu desempenho pedi que fosse até a lousa e fizesse uma sabatina. Eu estava preparado. A partir daquele dia passei a fazer parte do time dele.

## Após concluir o ginásio o senhor foi fazer o colégio?

Fiz o curso preparatório e entrei para o Colégio Culto à Ciência, colégio do Estado. Concluindo o colégio vim para Piracicaba para estudar na Esalq.

## Como surgiu a vocação para estudar agronomia?

O meu pai tinha se formado na Esalq. Eu sempre viajei com ele, gostava da profissão. Uma vez disse que gostaria de plantar feijão. Ele marcou um quadrado, disse-me: "O arado está aí se quiser pode plantar nesse pedaço". Coloquei o arado no pedaço, mal ou bem acabei plantando, era arada com tração de um animal só. Na hora de colher foi uma decepção. Meu pai disse-me: "Feijão é lavoura de manutenção própria para o indivíduo que a planta". Muito mais tarde tive a comprovação, depois de formado, em meu terceiro emprego, o fazendeiro que quis plantar feijão perdeu muito. Eram quatro alqueires de feijão que estavam em uma área cujo destino final era servir de pasto.

## Em que ano o senhor entrou na Esalq?

Foi em 1950. Tenho o nome de todos que se formaram na nossa turma, guardo comigo o convite de formatura. A única mulher da turma era Olga Zardetta de Toledo. Tive aulas com grandes professores: Felipe Westin Cabral de Vasconcelos, Eduardo Augusto Salgado, genética tive aulas com Friedrich Gustav Brieger, Walter Radamés Accorsi, Edgard do Amaral Graner, Salim Simão.

## Em Piracicaba o senhor morava em que lugar?

Você conheceu uma república chamada "Mosteiro"? Éramos cinco moradores, fundamos a república e alugamos uma casa, em frente onde mais tarde foi a Escola de Odontologia, ali havia um colégio de freiras. Na Rua Alferes José Caetano. Na outra esquina tinha a casa do ex-prefeito Luiz Dias Gonzaga, a república era no sentido bairro-centro, a segunda casa.

## Quem escolheu o nome da república?

Foram as meninas internas do Colégio São José. Na verdade elas colocavam de nós. Colocamos



"Aposentei-me como professor titular em 1990"

corrinhas nas janelas, para podermos ter mais liberdade. O pessoal da Esalq colocou o nome de "Mosteiro".

## Qual era a diversão na coleção época?

Eu não tinha dinheiro para diversão! Fui equilibrar minha mesada quando mudamos para outra casa da república, descendo a Rua Alferes José Caetano, após a Rua Voluntários. Continuai com o nome "Mosteiro". Nesse grupo de cinco estudantes, o único que era pobre era eu. Arrumei um emprego, uma amiga de Campinas, disse-me: "Se você arranjara a sala, tenho como montar uma biblioteca".

## Como o senhor conheceu a sua namorada?

Acho que foi em um baile, no Cristóvão Colombo, na esquina da Rua Governador Pedro de Toledo com Rua São José. O nome dela era Rosa Maria Fleury Moreira, conhecida como "Tuia". Filha de Aldrindo Fleury. Imãde João Ribas Fleury. Casamos em São Paulo, tive três filhos: Ângela, Eduardo, Arnaldo.

## A Lua de Mel, foi onde?

Foi em São Vicente, era a moda na época. Fomos em um carro do meu pai, Chevrolet 1951, azul. Foi ser agrônomo, chefe da Estação Experimental de Ubatuba. Era uma localidade ainda em desenvolvimento, não tinha o movimento que existe hoje. Chegar até Ubatuba era uma aventura, estrada de terra, tinha que ir até Taubaté, não havia a Rodovia dos Tamoios. Quando assumi a Estação Experimental de Ubatuba não estava casado ainda, me empreguei como Chefe do IAC em Ubatuba. O Instituto Agrônomo fornecia alguma condução para ir para lá, geralmente a pior condução. Era muito comum ir de jipe, esse jipe era resto de guerra, americano, uma desca de serra, era uma aventura, havia dois horários de ônibus, que ocupado por não ter cruzado ainda com o ônibus. Quando cruzasse não passava os dois veículos. Tinha que ajoitar.

## Não havia trânsito?

Havia trânsito de caminhão de banana! Só que com o caminhão de banana era bem mais fá-

cil de passar ao lado do jipe. O perigo era o ônibus, porque ele vinha despreocupado. Ali a cultura forte era a banana. Permaneci lá um ano e meio. Tinha uma casa na Estação Experimental. A comida de Ubatuba é baseada em peixe. Quando havia sobre eles ofereciam de graça o camarão. O porto de Ubatuba era muito pequeno, não tinha frigorífico, toda semana passava uma barca com frigorífico. Eles pescavam e tinham que vender. Se a barca não passasse aquela semana, ou atrasasse três ou quatro dias o que tinha sido pescado podia estragar. Eu estava a sete quilômetros da cidade. As vezes ia de bicicleta. Formei muitos amigos lá. A Cachaca Ubatubana era muito famosa, fabricada por uma família de Piracicaba que moravam na Fazenda Velha, os Irmãos Chiéus, fabricavam a pinga Ubatubana. Fui membro do Rotary Club que já existia em Ubatuba na época. Ia daqui para lá o especialista em genética de cana, que era o chefe das Estações Experimentais.

## O senhor voltou à Piracicaba?

Voltei, decidi adquirir um sítio. O Bellato substituiu o Dante. Ele foi ótimo, ele gostava desse entrosamento com as famílias. Foi excelente. Adquiri um sítio em Tupi, eram 15 alqueires, adquiri junto com o Esmani Junqueira Dias e outro sócio era o João Fleury, ambos meus cunhados. Adquiri para fazer mudas, comecei a fazer mudas de laranjas, uma área que eu tinha bastante conhecimento. Cheguei a ter de 40 a 60 mil mudas de laranja. Em paralelo comecei a plantar mudas de rosas eu trazia de uma localidade próxima a São Paulo.

## O clima aqui é bom para esse tipo de cultivo?

Roseira e laranja vai bem no mundo inteiro. Fazia a enxertia. Tinha uma coleção de plantas e laranjas para tirar borbulhas e fazer enxertos. Naquele tempo era obrigado a ter árvores selecionadas, de origem conhecida, vendidas pelo governo e o governo fiscalizava. A Casa da Lavoureira ia a cada três meses verificar se as plantas estavam de acordo com as normas. As minhas plantas eram garantidas pela Casa da Lavoureira. A primeira viajatura que adquiri era mais velha do que eu, era uma caminhonete Chevrolet, 1927. Depois tive uma Kombi. Nesse meio de tempo o professor Felipe Westin Cabral de Vasconcelos convidou-me para trabalhar com ele na Esalq. Isso foi em 1960. Entrei como professor assistente convidado. Após quatro anos tinha que fazer um curso para ser professor assistente. Fui professor adjunto. Foi livre docente e depois professor titular na horticultura. Finalmente tornei-me professor catedrático.

## O senhor ficou aproximadamente um ano e meio lá?

O Janio Quadros fez uma circular em que todo

funcionário que tivesse menos de 10 anos trabalhando para o Estado até tal data estava dispensado. Dali a uns meses eu iria completar os 10 anos. Vim para Piracicaba, marcamos o casamento, depois saímos em viagem de núpcias em Itanhaém, voltamos à Campinas e Piracicaba. Fui trabalhar, arrumei um emprego para trabalhar em Xiririca, hoje se chama Eldorado. Surgiu uma vaga na Casa da Lavoureira de Rio das Pedras. Rio das Pedras não tinha condução, não tinha sede. No começo eu ia de ônibus. Existia um armazém grande, cujo proprietário era sócio da usina, ele ofereceu à Casa da Lavoureira para que ocupasse uma sala no prédio dele. Em resumo, tinha uma sala que não era de ninguém, uma mesa, eu tinha que andar a pé. A opção que restava era um sítio vir me buscar e levar para seu sítio. Mas ninguém estava interessado nisso. Tinha a cooperativa, dentro da Usina Bom Jesus. Depois de algum tempo eu ia de Lambreta para lá. Estrada de terra. Um dia que cheguei muito não cheguei. A roda empastou de lama. Decidi sair, pedi demissão em Xiririca, meu irmão Raul ti-

**Tinha uma coleção de plantas e laranjas para tirar borbulhas e fazer enxertos**

## Qual é a função do salitre para a agricultura?

Ele é estimulador, principalmente da clorofila. Ele tem que estar associado ao potássio e fósforo.

## Naquela época não havia adubo composto, eram elementos isolados que eram colocados junto ao solo?

Eu já era mocinho quando fui com meu pai até a primeira fábrica de adubo composto que conheci, era fabricado pela Manah, estava começando suas atividades, o Fernando Penteado Cardoso, agrônomo formado pela Esalq é quem estava desenvolvendo o projeto, ficava em um barracão, antes de chegar a São Paulo. Nessa época meu pai já estava trabalhando na Estação Experimental de Cordeirópolis. Ele tinha saído da Salitreira, foi trabalhar em Guataparã, ficou algum tempo e depois foi para a Estação Experimental de Cordeirópolis. Meu pai nasceu em 1900 e faleceu em 1986.

## Em que cidade o pai do senhor conheceu a sua mãe?

Foi em Jaú. Meu avô chegou a Jaú com o diploma de farmacêutico, ele era descendente de franceses, estabeleceu uma vida comercial, casou-se com a minha avó, da família Prado, uma das filhas do casal era a minha mãe. Meu pai e minha mãe se conheceram, casaram-se e foram morar em Guataparã. De lá que vieram para Cordeirópolis, por volta de 1932. Ali ficava a bifurcação da linha-tronco da Paulista que seguia para Barretos e Colômbia, no rio Grande, e a linha do ramal de Descalvado. Existia a estação, uma colônia dos funcionários da Companhia Paulista, não havia mais nada. Naquele tempo o governo estava formando essa rede de estações experimentais. Tinha uma em Sorocaba, em Cordeirópolis, em Campinas. Quando meu pai aposentou-se era chefe da di-

qualidade inferior. Quem tinha posse ia para terra boa, terra roxa, para ficar rico rapidamente. As principais peças de teatro vinham da Europa para Jaú! Não ia para Campinas que era uma cidade que tinha dinheiro, mas estava todo mundo aborrecido para sair de lá, precisavam progredir! Campinas tinha e tem ainda terra boa, mas é pouca. Já já era uma área bem mais extensa. Quando mudamos para Campinas, saímos da Estação Experimental de Limeira, que ficava na Rodovia Anhanguera, era estrada de terra, e mudamos para uma casa de um italiano, proprietário de um cortume, ele estava muito bem financeiramente, construiu uma casa na espinha, em frente ao Clube de Campo. Ele não podia morar ali, era a época da Segunda Guerra Mundial, havia pessoas que o hostilizavam, pelo fato de ser italiano. Meu pai acabou alugando a casa, era finíssima, muito bem acabada, tinha um belo jardim em frente. Ficamos sócios do Clube de Campo que ficava bem em frente. Éramos cinco irmãos entre os grã-finos! Tinha piscina, quadra de tênis, quadra de vôlei, instalações para ginástica. Morávamos na Rua Guilherme de Silva, na esquina com a Rua Coronel Quirino. O bonde passava ali! Ao lado havia o Clube Regatas. Na época um clube modesto, mas com bons esportistas. Passei a frequentar a natação do Clube de Campo. Os bailes eram memoráveis, frequentados pela fina flor de Campinas. Eu tinha uns 15 anos. Em frente a nossa casa morava um juiz cujos filhos iam ao clube. Outro vizinho era o proprietário da Piccolotto Calçados e Roupas, eles tinham dois filhos e uma filha. Fomos grandes amigos.

## Em Campinas o senhor fez seus estudos em que escola?

Fiz o curso preparatório para exame de admissão ao ginásio. Preseti o concurso, entrei em uma escola do Estado, era uma Escola Normal, o prédio inclusive muito semelhante a nossa Escola Normal, hoje Instituto de Educação Sud Mennucci. Lá eu cursei o ginásio, a primeira professora que tive era professora de música, regente, era muito conhecida, Dona Dulce. Ela formava um orfeão, entrei no primeiro ano, ela foi selecionando.